A prática da violência na sociedade neoliberal: análise de narrativas midiáticas em Belo Horizonte

La práctica de la violencia em la sociedad neoliberal: análisis de las narrativas mediáticas en Belo Horizonte

The practice of violence in neoliberal society: analysis of media narratives in Belo Horizonte

DENISE MORADO NASCIMENTO[1], BÁRBARA HOFFMANN BARBOSA[2], ELENA OLIVEIRA CARNEIRO[3]

Resumo: Nosso objetivo é identificar os domínios de conhecimento sobre a representação da violência em Minas Gerais presentes na mídia jornalística online. Recorremos à compreensão do neoliberalismo, como estrutura que rege a *prática* da sociedade contemporânea, e da propriedade, como o que confere *existência* ao indivíduo. Acatamos a compreensão de Pierre Bourdieu sobre as práticas linguísticas serem forma eficaz de *violência simbólica*, essencialmente operada *na* e *pela* linguagem. Por fim, analisamos narrativas extraídas de reportagens de jornais e as classificamos por meio da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan.

Palavra-chave: Violência; Linguagem: Mídia jornalística.

Resumen: Nuestro objetivo es identificar los dominios de conocimiento sobre la representación de la violencia en Minas Gerais presentes en los medios periodísticos en línea. Acudimos a la comprensión del neoliberalismo, como estructura que rige la *práctica*

[1] Professora Titular da Escola de Arquitetura da UFMG, coordenadora do grupo PRAXIS-EA/UFMG, pesquisadora do CNPq. E-mail: dmorado@gmail.com.

[2] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, pesquisadora do grupo PRAXIS-EA/UFMG, bolsista de Iniciação Científica PRPq/UFMG. E-mail: barbara.hoffmann16@gmail.com.

[3] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, pesquisadora do grupo PRAXIS-EA/UFMG, bolsista de Extensão ProEx/UFMG. E-mail: elenacarneir@gmail.com.

de la sociedad contemporánea, y de la propiedad, como lo que da *existencia* al individuo. Aceptamos el entendimiento de Pierre Bourdieu sobre las prácticas lingüísticas son forma efectiva de *violencia simbólica*, operada esencialmente en y por el lenguaje. Para ello, analizamos narraciones extraídas de reportajes periodísticos y las clasificamos utilizando la Teoría de la Clasificación Facetada de Ranganathan.

Palabras clave: Violencia; Lenguaje; Medios periodísticos.

Abstract: Our objective is to identify the domains of knowledge about the representation of violence in Minas Gerais that are present in online journalistic media. We start from the understanding of neoliberalism, as a structure that governs the *practice* of contemporary society, and of property, as what gives *existence* to the individual. We accept Pierre Bourdieu's understanding about the linguistic practices as effective form of *symbolic violence*, essentially operated in and by language. To this end, we analyzed narratives from reports extracted from the newspapers and classified them using the Theory of Faceted Classification developed by Ranganathan.

Keywords: Violence; Language; Journalistic media.

De todas as palavras em voga nos últimos anos da década de 60, a palavra "violência" é provavelmente a mais corrente e a mais carente de significado.
Eric Hobsbawn (2005, p. 317)

Pontos de partida

Resgatamos as palavras de Hobsbawn em seu artigo *The rules of violence*, publicado na revista *New Society* em 1969,[4] para dizer que se, por um lado, assumimos que a violência, corrente e carente de significação, exige reflexão, por outro lado, assistimos a violência como processo tanto naturalizado e despersonalizado quanto submetido a e cúmplice de uma certa ordem. Assim como Hobsbawn (2005), argumentamos que ter consciência da violência presente na vida cotidiana não equivale a apenas compreender as diferentes formas e manifestações da violência produzidas no mundo social.

O número de homicídios, roubos e assaltos, violência doméstica e familiar contra a mulher e a população LGBTQIA+[5] mostram o Brasil como um lugar

[4] Artigo republicado no Brasil no livro *Pessoas extraordinárias*, em 2005.

[5] Sigla que diz respeito à orientação sexual e à identidade de gênero do indivíduo.

violento. O recente *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (FBSP, 2022, p. 14-16), aponta que, em 2021, o país abrigou 20,4% dos homicídios no mundo, tendo apenas 2,7% dos habitantes do planeta,[6] sendo 77,9% das vítimas negras e 50% entre 12 e 29 anos; 75,5% das vítimas de estupros eram vulneráveis, incapazes de consentir; 65,6% das vítimas de feminicídios morreram dentro de casa e 62% eram negras.

Vários estudos demonstram que há correlação entre autores e vítimas de ações violentas com favelas e bairros de periferia, além da baixa renda; ou seja, os envolvidos possuem:

> *o mesmo perfil sociodemográfico (jovens, não brancos, pobres e com baixa instrução formal), moram na mesma vizinhança e [...] matam e morrem em função de conflitos estabelecidos e resolvidos de forma violenta e privada, em seus próprios territórios (Zilli, 2015, p. 466).*

Mas o Brasil mudou. Não podemos associar a violência urbana, de forma direta e simplificada, aos territórios populares,[7] admitindo-se que categorias genéricas e universais não são mais suficientes para analisar a violência.

Desde o processo eleitoral de 2018, estamos atestando discursos de ódio direcionados a grupos contrários aos princípios reacionários e pautas ultraconservadoras da extrema-direita que não só projetam o *outro* como desprezível e indesejado, mas também produzem um preocupante adoecimento social.

> *O 'outro' é fabulado como um poder supostamente perigoso ou como algo supostamente inferior; e assim os maus-tratos e o desejo de erradicação subsequente do outro não são reivindicados apenas como medidas desculpáveis, mas necessárias (Emcke, 2020, p. 19).*

Os brutais assassinatos da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes no Rio de Janeiro, em 2018, do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips na região do Vale do Javari, Amazonas, em 2022, foram marcados por extrema violência praticada por pessoas contrárias aos direitos das mulheres, dos negros e dos povos originários. Bom lembrar que 1⁄3 das cidades mais violentas do país estão na Amazônia Legal,[8] com taxa de violência letal 38% superior à média nacional (FBSP, 2022, p. 15).

[6] Entre 102 países selecionados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2021.

[7] Territórios populares são compreendidos como lugares (auto)construídos por seus moradores, identificados por características contrastantes e rupturas significativas em comparação à mancha urbana institucional.

[8] A Amazônia Legal corresponde a 59% do território brasileiro e a oito estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e parte do Estado do Maranhão (a

Para muito além de seus números e indicadores, a prática da violência no Brasil precisa ser desvelada e compreendida. As manifestações de ódio se assentam nas cidades brasileiras estruturadas tanto pela desigualdade social, econômica e territorial e pelo racismo, historicamente construídos, quanto pelos debates e espaços públicos contemporâneos gestados por *fake news*, misoginia, machismo, homofobia, xenofobia e aporofobia. São esses elementos, estruturados e estruturantes, responsáveis pela expressão da ordem pública e pela manutenção de correlações de hierarquia, privilégios e dominação.

Portanto tratemos de não naturalizar o ódio e a violência. Eles não surgem do nada – o ódio é fabricado e, por conseguinte, a violência é preparada, assim colocado pela filósofa Carolin Emcke (2020). E, nessa direção, acatamos o seu argumento:

> *observar o ódio e a violência a partir das estruturas que os tornam possíveis significa também tornar visível o contexto das justificativas antecedentes e dos consentimentos subsequentes, sem os quais o ódio e a violência não poderiam germinar (Emcke, 2020, p. 20).*

Recorremos, inicialmente, à compreensão do neoliberalismo, como estrutura que rege a *prática* da sociedade contemporânea, e da propriedade, como o que confere *existência* ao indivíduo, inerentes às formas de violência encontradas em nossa vida urbana. Em seguida, desvelamos a *mídia jornalística* (ou jornalismo online) como agente dominante que prepara a violência dentro da ordem neoliberal. Para tal, analisamos narrativas de 311 reportagens digitais dos principais jornais de Minas Gerais – "Hoje em Dia",[9] "Estado de Minas",[10] e "O Tempo" – e as classificamos por meio da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a ser detalhadamente explicada a seguir.[11] Nosso objetivo é identificar os domínios de conhecimento sobre a

oeste do meridiano de 44ºW), perfazendo 5,0 milhões de km². Nela residem 56% da população indígena brasileira (IPEA, 2008).

[9] O jornal "Hoje em Dia" [https://www.hojeemdia.com.br] foi fundado em 1988 pelo então governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, como contraponto aos Diários Associados e o jornalista Assis Chateaubriand, que incorporaram o jornal "Estado de Minas" [https://www.em.com.br], em 1928.

[10] Em 1991, Cardoso deixou o governo do Estado e vendeu o jornal ao Grupo Record, que o expandiu por 20 anos até ser vendido, em 2013, ao Grupo Bel, setor de comunicação e entretenimento; em 2016, o jornal foi vendido para o grupo Soebras, do ex-prefeito de Montes Claros, Ruy Muniz.

[11] "O Tempo" [https://www.otempo.com.br], criado em 1996, pertence à Sempre Editora, integrante do grupo de transporte e logística SADA, cujo presidente é Vittorio Medioli, empresário, prefeito de Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte, desde 2017, e político aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro.

representação da violência no estado de Minas Gerais presentes na mídia jornalística. Entendemos que esse é o primeiro passo para que a prática da violência seja desencriptada.

Neoliberalismo e prática

Entendemos o neoliberalismo como “regime de existência social” e “forma de autoridade política”, assim definido por Gago (2018, p. 15), que altera a fisionomia social, política e espacial das cidades. Ao incorporarmos a ordem neoliberal como elemento estruturante da prática, a partir de Bourdieu (2009), vinculamos o poder à violência.

Contudo poder não é coerção, consenso, obediência ou conformidade que explica linearmente a violência repressora ou destruidora; ao contrário, o poder opera, controla e direciona a comunicação de tal forma que supera possíveis diferenças entre as escolhas feitas por poderosos e seus súditos (Han, 2019). Assim, o poder é um domínio real no qual a prática da violência está encriptada.

A palavra *prática* carrega *per se* o sentido dado por Bourdieu (2009) pois existe e se organiza por um conjunto complexo de *disposições* estruturadas e estruturantes – relações, arranjos, determinações, instrumentos – que se desenvolve no tempo e se realiza no tempo, com ritmo, andamento e orientação constitutivos de seu sentido. Prática é jogo estratégico que se dá com o tempo (e não modelo, partitura, plano ou método) e socialmente produzida (Bourdieu, 2009). As disposições, nomeadas por Bourdieu (2009) como *habitus*, são formas determinadas nas quais indivíduos e grupos (isto é, agentes) pensam, agem e reagem diante das solicitações, das imposições e das ofertas colocadas pelo mundo social. As disposições são tanto duráveis quanto dinâmicas, pois integram percepções, apreciações, trajetórias e ações historicamente construídas na prática e pela prática, podendo ser corroídas e transformadas por meio do tempo, do lugar e do poder.

Enquanto Bourdieu cria o conceito *habitus* como princípio organizador de práticas, Foucault (2000, p. 244) recorre ao conceito *dispositivo*, como rede tecida entre "discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas".

Não há dúvidas que os conceitos não são os mesmos. O dispositivo foucaultiano explica a capacidade geradora normativa da prática na ordem neoliberal, enquanto o *habitus* desvela a prática construída de seus agentes.

Ao associarmos dispositivo e *habitus*, afirmamos que estes orquestram o sentido do jogo da violência entre Eu(Nós)-Outro(s), inexoravelmente, permeado pelo tempo, lugar e poder.

Propriedade e existência

Em seu livro *Two Treatises of Government*, publicado em 1690, John Locke (1998, p. 424) afirma que o homem é "senhor de si mesmo e *proprietário de sua própria pessoa* e de suas ações ou de seu *trabalho*", o que o torna "*fundamento da propriedade*".

Recorremos a John Locke para compreender *propriedade* alinhada à existência do indivíduo na vida urbana contemporânea, portanto, do seu corpo, e não a partir das relações econômicas capitalistas ou das convenções jurídicas, embora inevitavelmente presentes nas práticas. Isso quer dizer que os atributos do homem possibilitam a propriedade. Ou não, se alienados.

Ainda que Locke (1998, p.384) afirme que "sendo todos iguais e independentes, ninguém deveria prejudicar a outrem em sua vida, saúde, liberdade ou posses", admite, ao mesmo tempo, o estado de inimizade e de destruição. Em outras palavras, no *estado de guerra*, os direitos naturais não podem perdurar, já que a propriedade diferenciada pela capacidade de trabalho e pela razão do indivíduo amplia, ao longo do tempo, a desigualdade entre os homens.

Locke ancora o termo propriedade à tríade – bens, liberdades e vidas –, mas também ao sentido etimológico da palavra como derivado do adjetivo *proprius*, significando o que é próprio de alguém ou do objeto que o distingue dos outros. A tríade *lockiana* permite-nos abordar as *estratégias* acionadas por agentes (*modus operandi*) e as *estruturas* presentes na sociedade (*opus operatum*), conformando a prática segundo Bourdieu (2009), e identificar o jogo da violência quando: (i) um quer obter ou destruir o que é do outro (bens, terra, renda, propriedade privada, cidade); (ii) controlar, ameaçar, intimidar ou manipular o outro (liberdades, religião, gênero, ética, trabalho); e (iii) ir contra a integridade ou a saúde do outro (vidas, raça, linguagem, diferença).

Ajustemos o foco. Acatar a tríade lockiana significa se afastar do significado genérico e único de propriedade como qualidade da posse material de alguma coisa, objeto móvel ou imóvel. Em Locke, entendemos que corpos disputam o que lhes é próprio – bens, liberdades e vidas –, isto é, o que distingue Eu(Nós) do Outro(s) na ordem neoliberal.

Formas de violência

No "Relatório mundial sobre violência e saúde", a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) define violência como:

uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al, 2002, p. 5, grifo nosso).

Importante ressaltar a intencionalidade da palavra poder para que a amplitude da violência, como ato resultante das relações de poder ou exercido por quem tem o poder, seja alcançada (OMS, 2002).

A OMS (2002, p. 6) também caracteriza a violência em três tipos:

> violência auto-infligida, “subdividida em comportamento suicida e auto-abuso”.

> violência interpessoal, dividida em duas subcategorias:

. violência da família e de parceiro(a) íntimo(a) – “ocorre em grande parte entre os membros da família e parceiros íntimos, normalmente, mas não exclusivamente, dentro de casa”.

. violência comunitária – “ocorre entre pessoas sem laços de parentesco (consangüíneo ou não), e que podem conhecer-se (conhecidos) ou não (estranhos), geralmente fora de casa”.

> violência coletiva, sugere a existência de motivos possíveis para a violência cometida pelos grandes grupos de pessoas ou pelos Estados, subdividida em:

. violência social – “inclui, por exemplo, crimes de ódio cometidos por grupos organizados, atos terroristas e violência de multidões”.

. violência política – “inclui guerras e conflitos de violência pertinentes, violência do Estado e atos semelhantes realizados por grupos maiores”.

. violência econômica – “inclui ataques de grupos maiores motivados pelo ganho econômico, tais como ataques realizados visando a interromper a atividade econômica, negar acesso a serviços essenciais ou criar segmentações e fragmentações econômicas”.

No que se refere à natureza dos atos violentos, a OMS a classifica (Krug et al, 2002) em: física, psicológica, sexual, e que envolve privação ou negligência.

No Brasil, a legislação brasileira, especialmente as leis que protegem as mulheres (Lei Maria da Penha, Lei do Minuto Seguinte e Lei do Feminicídio), incorpora a classificação da natureza dos atos violentos estabelecida pela OMS, mas inclui a violência patrimonial (BRASIL, 2006, Art. 7):

> violência física: entendida como “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal”.

> violência psicológica: entendida como “qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação”.

> violência sexual: entendida como “qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos”.

> violência moral: entendida como “qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”.

> violência patrimonial: entendida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades”.

Em nossas análises, acrescentamos a *violência simbólica* (tanto interpessoal quanto coletiva), definida por Bourdieu (1989) como violência oculta própria da imposição de capital – cultural e social, mas também profissional, político, econômico, linguístico, simbólico e informacional – pelos dominantes de um campo, que operam essencialmente *na* e *pela* linguagem, mas também pela força dos gestos, das justificativas, dos privilégios e das coisas. Além disso, não consideramos a violência contra si próprio ou autoinfligida na medida em que ocorre por mecanismos estabelecidos pela própria vítima. Contudo, mesmo que o conflito Eu(Nós)-Outro(s) seja o foco deste artigo, entendemos que a natureza da violência pode desencadear a violência contra si próprio ou autoinfligida.

Atestamos, assim, que tais definições, sejam por abrangência, por tipo ou por natureza, ainda que indubitavelmente imprecisas e relacionais, revelam a complexidade da violência tanto como questão de pesquisa quanto como

presença na vida cotidiana. Nesse bojo, o conflito entre entre Eu(Nós)-Outro(s) e a violência resultante se alimentam de estratégias acionadas por agentes,

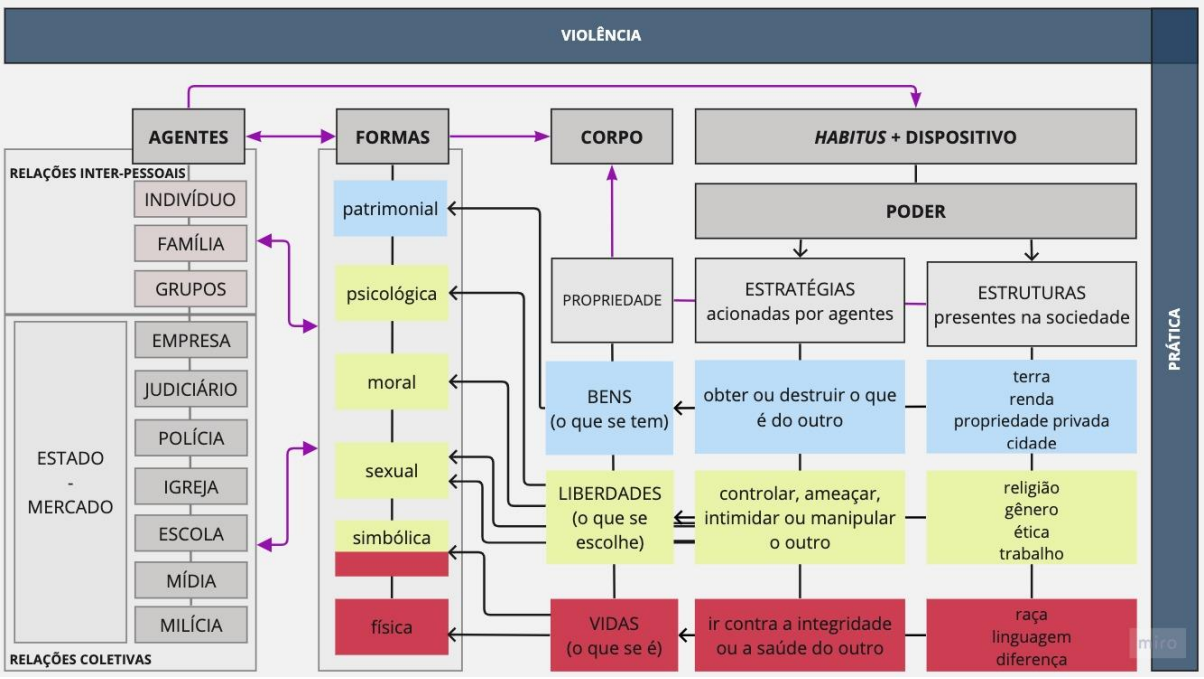
> interpessoais: Indivíduo, Família, Grupos; e

> coletivos: Empresa, Judiciário, Polícia, Igreja, Escola, Mídia, Milícia, imersos na "associação Estado-mercado"

que pensam, agem e reagem diante das estruturas presentes na sociedade (bens, liberdades e vidas).

A figura 1 representa a matriz conceitual sobre a violência.

Figura 1: A prática da violência



Fonte: Elaborada pelas autoras.

O uso da expressão “associação Estado-mercado” torna-se necessário dentro da ordem neoliberal assumida.

Ainda que frequentemente seja sugerido na literatura que Estado e mercado são entidades contraditórias em seu caráter organizacional bem como institucional, e por isso dissociáveis, no processo de neoliberalização os núcleos dominantes do Estado tornaram-se privados (Morado Nascimento, 2020, p. 35).

Refere-se, portanto, ao caráter público do Estado que permanece, mas, recentemente, tem sido tomado por corporações globais, pela tecnocracia administradora das entidades financeiras e das políticas econômicas e pelas instituições intergovernamentais do capital financeiro (Quijano, 2002).

Agentes: mídia jornalística

Voltemos a Bourdieu (1989); segundo o sociólogo, as práticas linguísticas são uma das formas mais eficazes de *violência simbólica*, essencialmente operada *na* e *pela* linguagem. O uso da linguagem não é isolado daquele que diz, que escolhe o que dizer e a quem, e da forma como diz.

Pressupomos a mídia jornalística como agente que prepara violência e produz efeito em seus leitores por meio de elementos que constituem sua prática, ante uma certa ordem de consumo veiculada em seus jornais. Inferimos, assim, que a mídia jornalística é agente privilegiado, portanto, dominante, na elaboração e comunicação de *estruturas informacionais* enquadradas tanto nas condições sociais, econômicas e políticas de produção e circulação de informações, dentro da ordem neoliberal, quanto nas relações de poder estabelecidas entre emissores e receptores de notícias.

Estruturas informacionais, assim como os jornais, são estruturas de comunicação e publicação organizadas por conhecimento, padrões de cooperação, formas de linguagem e comunicação, sistemas de informação e critérios de distribuição e relevância da informação que representam uma época (Swales, 1990). Portanto as estruturas informacionais são um dispositivo foucaultiano. A análise de jornais revela o jogo da organização do processo de comunicação, da forma dos moldes de discursos, da influência e da restrição de conteúdo, da escolha de estilo e da pretensão da audiência (Swales, 1990). Permeado por relações de poder, o jogo dá senso ao sentido das práticas estabelecidas, seja individualmente, seja coletivamente.

Entendemos assim que a análise das narrativas midiáticas torna-se relevante ao admitirmos que a comunicação discursiva sobre a violência em jornais e, por conseguinte, a decifração da linguagem e a apropriação mental de seu conteúdo, reforça ou transforma determinado significado de violência para certos indivíduos e grupos, identificados com a própria ordem neoliberal estabelecida. Ampliamos, assim, a definição de narrativas midiáticas por Silva (2015, p. 136) como “possibilidades de tradução da experiência, pois permitem criar e recriar o mundo, não apenas pelos enredos que comportam, mas pela linguagem que as materializa”.

Com isso, interessa-nos verificar a capacidade da mídia jornalística em articular informações ante o medo e a insegurança presentes na sociedade neoliberal brasileira que, inegavelmente, vem buscando formas de garantir segurança pelo setor privado. Sempre é preciso lembrar: por um lado,

a persistência de opções político institucionais que valorizam um modelo de segurança reativo, reprodutor de violências e inequidades e/ou que foca no combate bélico ao crime e ao delinquente, impede que o tema [da segurança] seja tratado como uma política social universal e que precisa atingir toda população brasileira (FBSP, 2022, p. 472).

Mas, por outro lado, “mais da metade da força de trabalho da segurança privada atua à margem da regulação e do controle da Polícia Federal” (FBSP, 2022, p. 352).

Instrumentos metodológicos e análise

Organizamos 602 matérias jornalísticas publicadas em três estruturas informacionais online de Belo Horizonte, de maior visualização em Minas Gerais – os jornais "Hoje em Dia", "O Tempo" e "Estado de Minas" –, entre 2013 e 2021, após as Jornadas de Junho.[12] Iniciamos o levantamento das matérias jornalísticas pelo mecanismo de buscas Google. Com auxílio de filtros e da ferramenta de "pesquisa avançada", as buscas foram feitas por meio de palavras-chave presentes na literatura, associadas a partir de seus principais agentes e motivações, e demonstradas na Figura 1 (por exemplo, “violência”+“mulher”+“parceiro”; “tráfico”+ “polícia”+ “favela” etc.).

Os resultados foram extraídos por meio de algoritmos e *scripts* elaborados pelas autoras desse artigo. Mais especificamente, foram extraídos o respectivo link, título, chamada, corpo do texto e data, gerando-se arquivos "csv" (arquivos de texto estruturados em tabelas) e links "html". Das 602 reportagens, 311 links foram reorganizados em planilhas diante do propósito teórico-metodológico da pesquisa – identificar agentes e motivações da violência veiculada pelo jornalismo online. As reportagens descartadas configuraram-se como erros de algoritmos e *scripts*.

Em seguida, as reportagens extraídas foram classificadas por meio da Teoria da Classificação Facetada (TCA). Desenvolvida por Shiyali Ramamrita Ranganathan nos anos 1930, a TCA propõe analisar um assunto por *facetas*, isto é, manifestações de certas características que obedecem a postulados pré-determinados, distante de qualquer proposição de análise estatística. Ranganathan (1960) determinou cinco facetas (conhecido como PMEST) que representam um assunto:

[12] As Jornadas de Junho referem-se às inúmeras mobilizações de massa que ocorreram simultaneamente e, em várias ocasiões, de forma violenta, em distintas cidades do Brasil no ano de 2013.

> Personalidade – característica que o distingue. Entende-se que essa faceta é a principal em que o assunto primário de um documento esteja representado;

> Matéria – material físico ou substância do qual um assunto pode ser composto ou com o qual o documento lida;

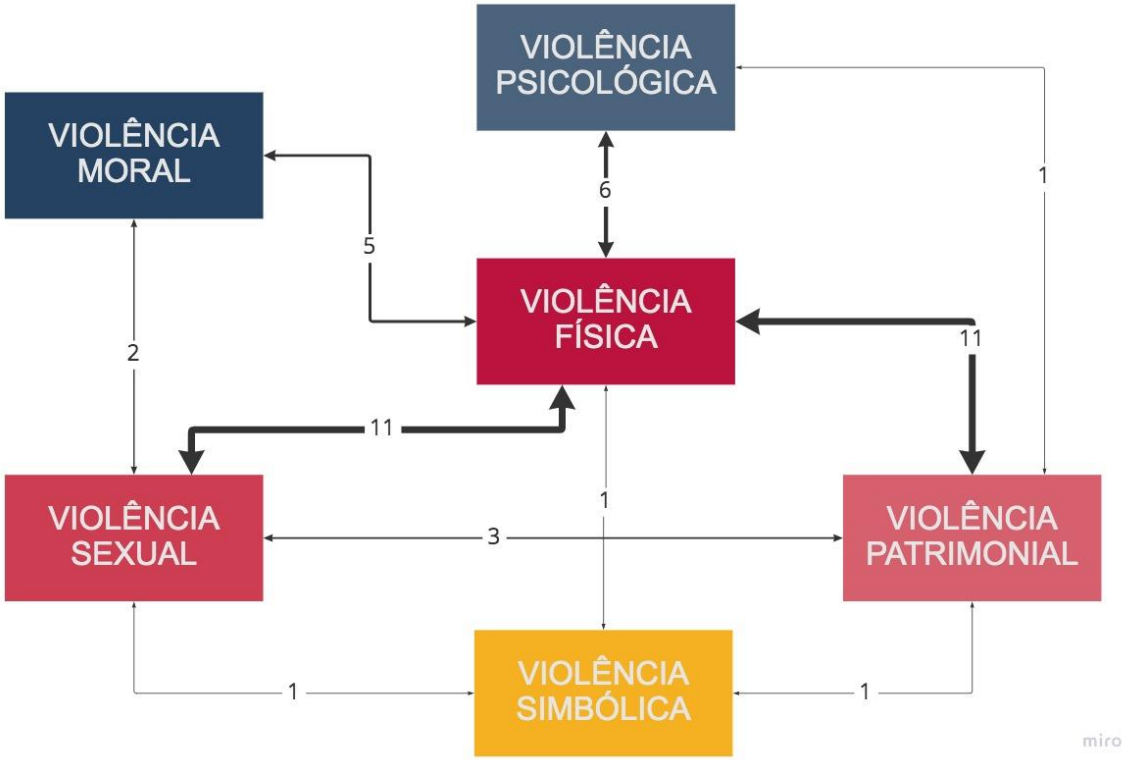
> Energia – ação que ocorre com respeito ao assunto, processos ou atividades que o documento descreve;

> Espaço – componente geográfico da localização de um assunto ou que o documento descreve;

> Tempo – período associado com um assunto.

Tendo em vista que a aplicação da TCA consiste na organização dos dados com base nos padrões neles identificados, a faceta *Personalidade* foi pré-determinada pelas formas de violência – patrimonial, psicológica, moral, sexual, simbólica e física (ver Figura 1). Vale ressaltar que, em algumas reportagens, as formas de violência se sobrepõem, conforme Figura 2.

Figura 2: Formas de violência – Faceta *Personalidade*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

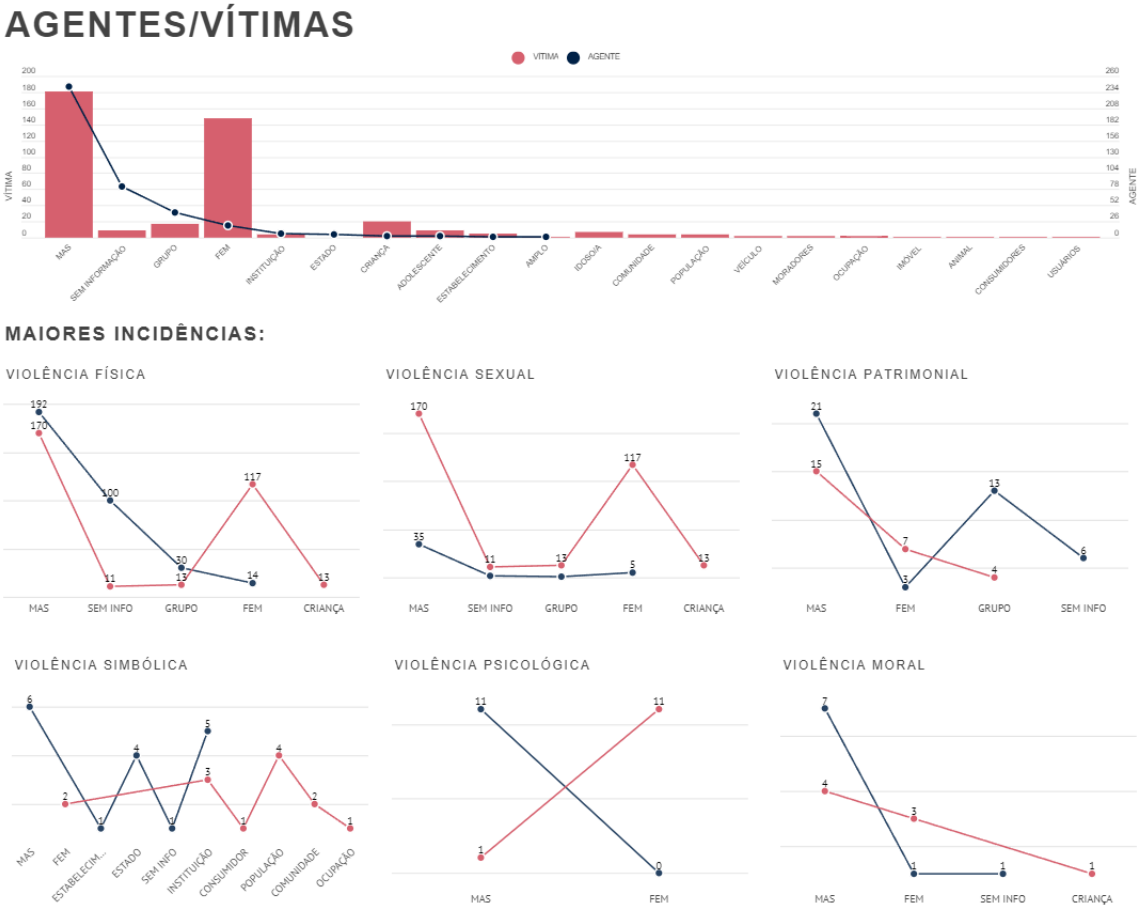
(...) dois dos cinco homens suspeitos de participarem de roubo e estupro.
- "Preso dois suspeitos de participarem de roubo e estupro em Sabará, na Grande BH", Hoje em Dia, 14/11/2016.

(...) descrição de nove inquéritos policiais, sendo três por homicídio. Em um deles, a vítima foi sua própria mulher, morta a tiros em 2015. O histórico inclui quatro passagens por tráfico de

entorpecentes e duas por porte ilegal de armas.
- "O fim de um reinado marcado pela imposição do medo", O Tempo, 18/09/2017.

Com as formas de violência caracterizadas, a faceta Personalidade foi subdividida em *Agente* e *Vítima* que, quando possível, foram identificados por gênero e raça, conforme Figura 3.

Figura 3: *Agentes* e *Vítimas* – Faceta *Personalidade*

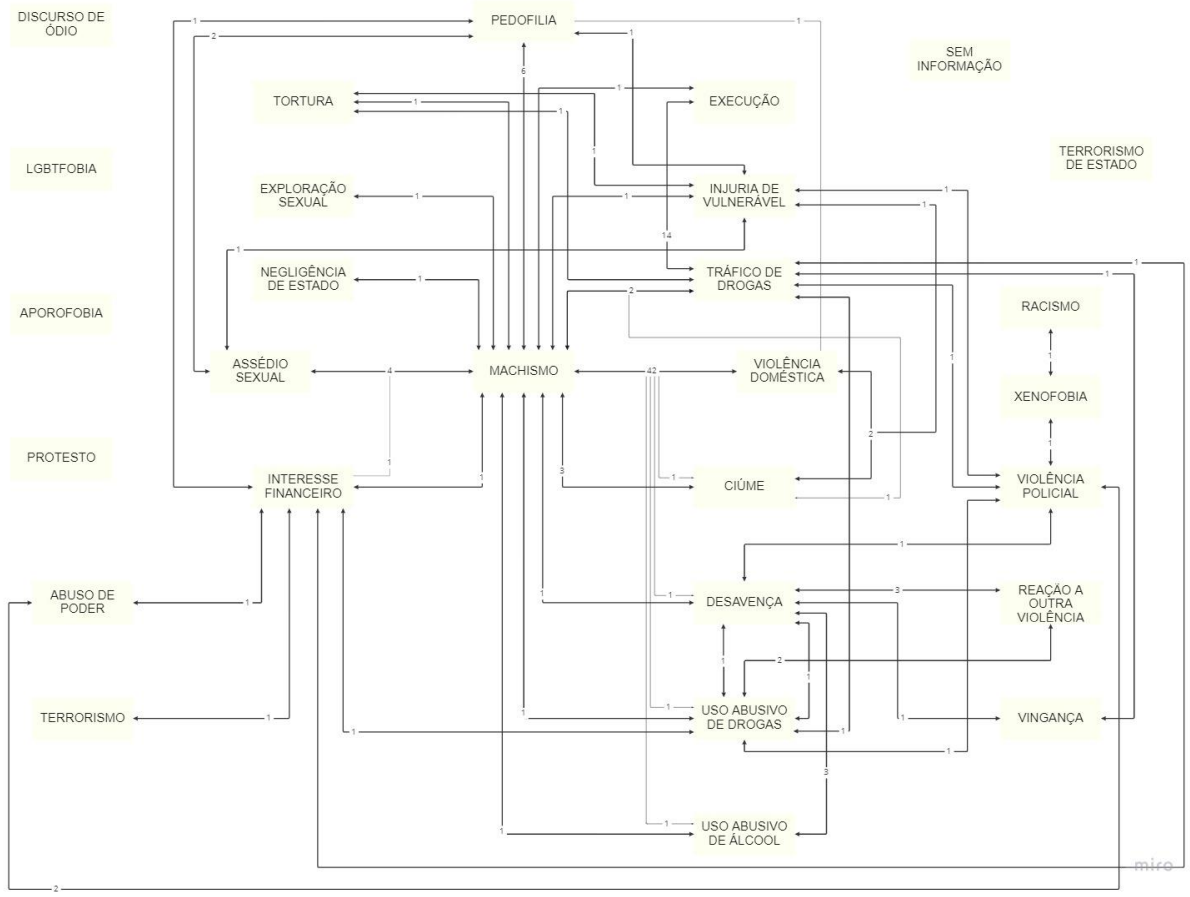


Fonte: Elaborada pelas autoras.

A faceta *Matéria* foi subdividida em *Fundamentos*, que diz respeito ao componente simbólico que compõe aquela violência, por exemplo, o machismo, e em *Processos*, que corresponde ao instrumento utilizado, por exemplo, tiros ou faca. Essa classificação aconteceu à medida que a leitura das reportagens ocorria, sendo iniciada arbitrariamente pelo jornal "Hoje em Dia". Em seguida, revisitamos os termos aplicados às facetas *Matéria* no intuito de identificar padrões e tendências por meio de palavras-chave identificadas nos outros dois jornais – "Estado de Minas" e "O Tempo". Não foram escolhidas palavras-chave para *Processos* (*Matéria*), e sim variáveis identificadas durante a leitura.

Os *Fundamentos* da violência exposta nos jornais estão vinculados entre si e atrelados, principalmente, ao machismo (ver Figura 4):

Figura 4: *Fundamentos* da violência



Fonte: Elaborada pelas autoras.

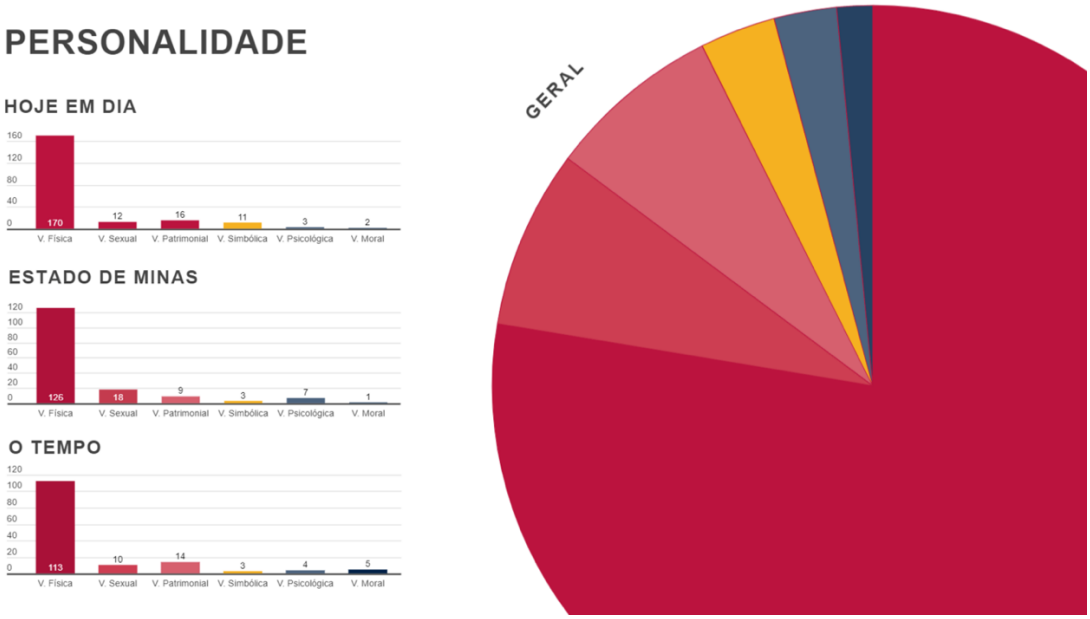
a vítima se negou a manter relações sexuais com os homens e acabou sendo agredida por eles.
- "MG registra estupro de idosa, abuso de jovem e violência sexual coletiva", Estado de Minas, 28/09/2021.

o rapaz de 21 anos, apontado como quem iniciou a agressão por ver sua ex-namorada em companhia [de outro] estudante
- "Espancamento de universitário em BH expõe desafio para conter violência na saída de boates", Estado de Minas, 10/09/2016.

manteve a mulher amarrada e em cárcere privado obrigando-a a confessar uma suposta traição diante da Bíblia.
- "Cinco homens são presos por violência contra mulheres na Grande BH", Hoje em Dia, 28/08/2019.

A violência física está indubitavelmente presente nos jornais (Figura 5), vinculada às ações (*Energia*) "assassinar", "agredir", "assaltar", "ameaçar" e "estuprar", materializada significativamente pelo machismo (Figura 6), como visto em seus *Fundamentos* (*Matéria*).

Figura 5: Faceta *Personalidade*



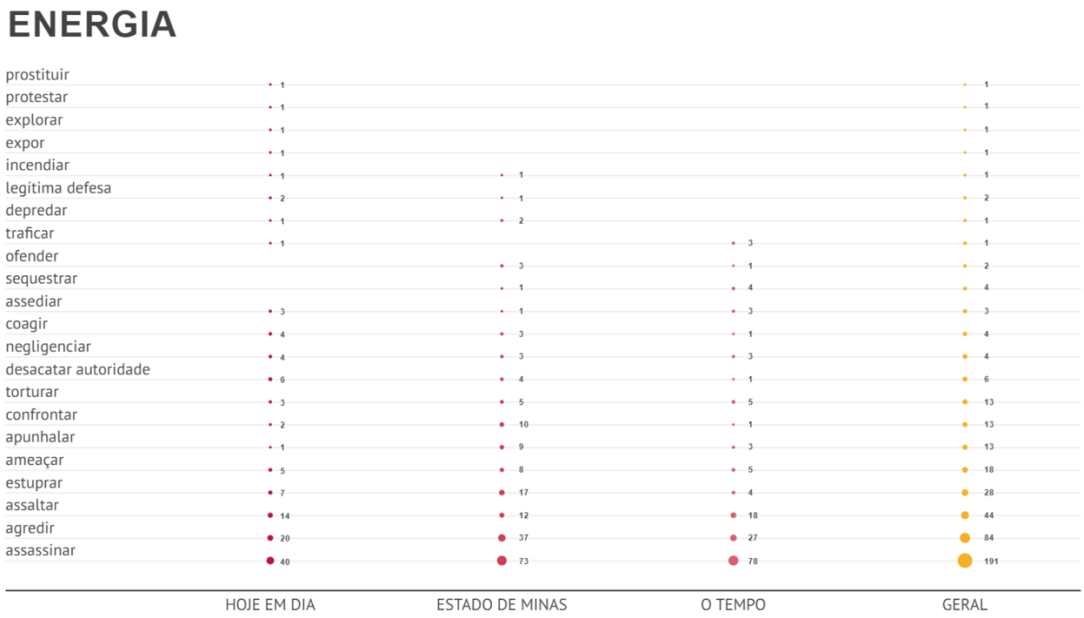
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Figura 6: *Fundamentos* e *Processos* da Violência Física

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nesse cenário, "assassinar" e "agredir" representam em maioria as ações (*Energia*) da prática da violência (Figura 7).

Figura 7: Faceta *Energia* da Violência

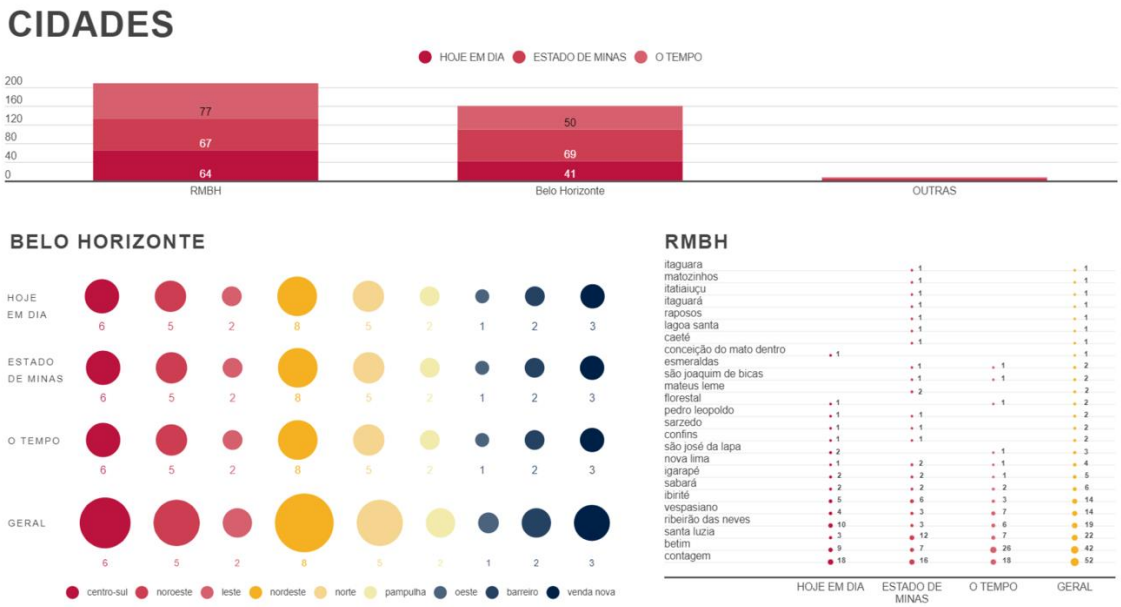


Fonte: Elaborada pelas autoras.

A faceta *Espaço* foi subdividida em *Cidade*, *Bairro* e *Local*, sendo caracterizados caso a caso, conforme Figura 8. Ressalta-se a representação da capital Belo Horizonte, subdividida em regionais, diante do seu papel político-administrativo no estado de Minas Gerais.

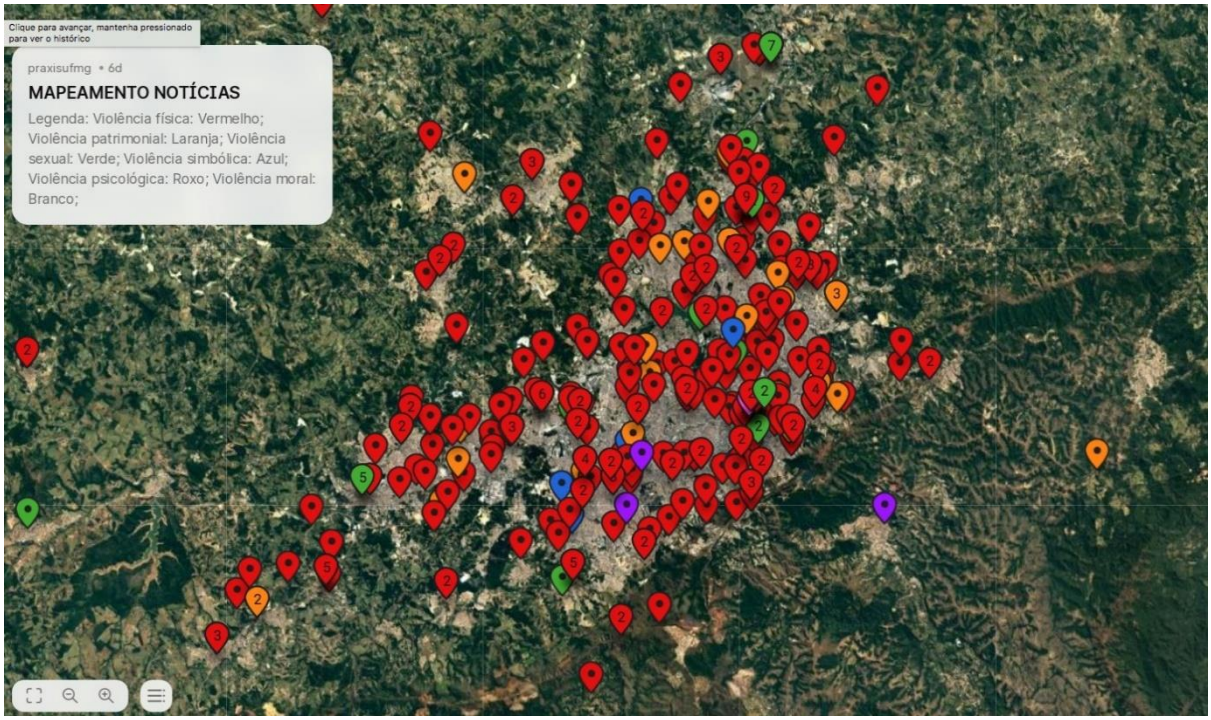
Após a classificação PMEST, a faceta *Espaço* foi utilizada para espacializar as reportagens por meio da ferramenta de mapas da plataforma digital *Padlet*, em correspondência à faceta *Personalidade*: violência física, vermelho; violência patrimonial, laranja; violência sexual, verde; violência simbólica, azul; violência psicológica, roxo; violência moral, branco (Figura 9).

Figura 8: Faceta *Espaço* da Violência



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Figura 9: Mapeamento de Notícias sobre Violência [https://padlet.com/praxisufmg/mapeamento-noticias-4ew2l8ifsw5tke90]



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Cada ponto georreferenciado traz o link da matéria e a descrição de cada faceta identificada para a reportagem. Devido a uma limitação da ferramenta, notícias que foram classificadas com mais de um tipo de violência receberam o *pin* na cor da violência em maior evidência.

A faceta *Tempo* caracteriza a data de publicação das reportagens.

Notas de pesquisa

Seguem exemplos de narrativas que confirmam que a violência: aciona determinados agentes

é extremamente importante responsabilizar o agressor, trazer tranquilidade para aquela vítima e mostrar que os culpados vão ser realmente responsabilizadas e punidos. Quebra o ciclo de violência", explica [a delegada].
- "Operação policial em BH e Contagem prende cinco por agressão a mulheres", O Tempo, 28/08/2019.

havia aquele sentimento de impunidade de quem deixou de ser menor de idade, então ele postava fotos com armas, com droga, com os carros, por isso batizamos essa operação de 'Bravata".
- "Chefe do tráfico na Vila Inestan, de 19 anos, é preso em BH", O Tempo, 08/02/2022.

por décadas, a população local teve que respeitar toques de recolher e conviver com tiros à luz do dia. Uma era de violência comandada por Felipe Souza da Cruz.
- "O fim de um reinado marcado pela imposição do medo", O Tempo, 18/09/2017.

a professora de 39 anos que foi assassinada pelo ex-companheiro em Sarzedo nessa quarta-feira (5) tinha uma medida protetiva contra seu agressor.
- "Professora assassinada em Sarzedo tinha medida protetiva contra o suspeito por violência doméstica", Hoje em Dia, 06/09/2018.

- amplia o medo vivido pelas mulheres e comunidade LGBTQI+

um motorista de aplicativo, de 42 anos, foi preso (...) suspeito de estuprar uma passageira, da mesma idade, em Belo Horizonte.
- "Motorista de aplicativo é suspeito de estuprar passageira perto do campus da UFMG", Hoje em Dia, 14/12/2021.

o crescente número de casos noticiados de violência contra motoristas por aplicativo provoca medo nas motoristas.
- "Número de mulheres motoristas de aplicativo dobra em dois anos: maior temor delas, que ganham a vida dirigindo, é a insegurança em relação à violência, O Tempo, 28/12/2021.

o corpo de (...) uma mulher trans, foi encontrado (...) com marcas de violência.
- "Corpo de mulher trans encontrado com marcas de violência é liberado do IML após três dias em BH", Hoje em Dia, 01/02/2021.

a violência contra a mulher é um dos principais desafios para as força[s] de segurança em Minas Gerais. Casos de feminicídios e outras mortes violentas das vítimas do sexo feminino não param de crescer.
- "Morte de jovem na Pampulha é mistério e expõe violência contra a mulher em Minas", Estado de Minas, 07/09/2019.

após cerca de 40 minutos de agressões, ele relata ter acordado em uma calçada e encontrado uma carta em seu bolso, que, entre outras coisas, dizia: "Esse foi apenas o primeiro da cidade a passar pela purificação". O rapaz já havia sido agredido por dois homens no último dia 10 e acredita ser alvo

de homofobia.
- "Polícia investiga motivação religiosa em agressão a gay", Estado de Minas, 26/09/2014.

- propaga comportamentos

trata-se de um debate sobre o que leva as pessoas a desenvolver determinados comportamentos e como a gente deve lidar com isso.
- "Em 2 dias, Minas registra 5 casos de apologia da violência em escolas: onda de imitações após massacre em SP leva medo à comunidade escolar e preocupa especialistas", O Tempo, 13/06/2022.

quem passa pelo local é advertido pela sinalização a não amarrar suspeitos de delitos naquele poste.
- "Placa adverte possíveis "justiceiros" no Centro de Belo Horizonte", Hoje em Dia, 10/09/2014.

a suspeita inicial é que o homicídio tenha sido resultado de uma briga de gangues.
- "Homem é baleado no Capelinha e morre após dar entrada em UPA", O Tempo, 18/07/2022.

eu simplesmente estou chocada no mundo em que vivemos... Aonde imbecis brigam por nada e batem até matar uma pessoa inocente!! Porque [sic] tanta violência?? O que passam na cabeça dessas pessoas sem coração?? Elas não tem [sic] família???
- "Homem é espancado até a morte em briga em porta de boate de Contagem", O Tempo, 08/04/2016.

um suspeito entrou atirando em um bar cheio, matou um homem e feriu as duas pernas da proprietária do estabelecimento.
- "Homem entra atirando em bar, mata um e fere mulher no Ribeiro de Abreu", O Tempo, 21/09/2019.

a mulher presa incentivava outros moradores contra a polícia chamando uma das policiais de "assassina".
- "Suspeita de espalhar fake news em BH desabafa: 'agora estou com medo'", O Tempo, 18/01/2022.

durante as abordagens policiais de rotina, é comum que criminosos insuflem os moradores contra a polícia, gerando situações violentas.
- "Tiro e choque elétrico: moradores denunciam violência policial contra idosa", Estado de Minas, 10/03/2021.

- descreve a cidade (e não apenas territórios populares) como lugar vulnerável

a onda de violência crescente que assola Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte, tem colocado a população da cidade em pânico.
- "População de Betim em pânico com série de homicídios", O Tempo, 24/08/2015.

considerado um ponto turístico, o mirante do bairro Belvedere, na região Centro-Sul de Belo Horizonte, tem sido ponto de assaltos constantes.
- "Mirante do Belvedere se torna ponto de assaltos", O Tempo, 23/10/2014.

considera a região "uma faixa de Gaza", por estar entre regiões que abrigam facções criminosas diferentes.
- "Homem é morto a tiros no Bairro Novo São Lucas, em BH", O Tempo, 18/08/2019.

'isso aqui é uma selva'.
- "'Isso aqui é uma selva', diz pernambucano agredido por seguranças no metrô de BH", O Tempo, 09/04/2021.

Ladrões que agem na surdina estão roubando o sono de belo-horizontinos.
- "BH tem furto após arrombamento a cada duas horas", Hoje em Dia, 05/09/2021.

- aniquila a existência do indivíduo

o homem confessou ter agredido a vítima e disse que o motivo foi por não gostar de ver o filho na casa do tio.
- "Homem é preso em Sabará depois de espancar filho com mangueira", Estado de Minas, 27/12/2021.

um esbarrão durante uma festa de aniversário, há mais de três anos, pode ser a real motivação para o assassinato de um homem.
- "Briga em aniversário, há três anos, pode ter motivado assassinato em Ibirité", O Tempo, 19/03/2020.

um dos motivos da briga seria por R$ 10.
- "Feminicídio: homem mata ex-mulher a facadas em bar no bairro Novo Tupi, em BH", O Tempo, 28/08/2021.

uma adolescente de 13 anos e uma criança de 5 anos foram baleadas na noite desta quinta-feira (21) enquanto conversavam na rua onde moram.
- "Criança de 5 anos e adolescente de 13 anos são baleadas em Vespasiano", O Tempo, 21/06/2019.

o padrasto, identificado como Philipe Emanuel, se incomodava com a relação da mãe com a filha.
- "Padrasto suspeito de tentar matar enteada de 2 anos é preso em Betim", Hoje em Dia, 01/05/2021.

Finalizando...

Diante das reportagens extraídas, não há dúvidas de que os jornais de Minas Gerais acionam estratégias de comunicação que validam a violência atestada por números e estatísticas apresentados por instituições como, por exemplo, o "Fórum Brasileiro de Segurança Pública". Entretanto perguntamos: o jogo de linguagem do jornalismo online sobre a violência contribui para a fabricação do ódio em nosso cotidiano? Para tal, recorremos à identificação dos domínios de conhecimento sobre a representação da violência; no horizonte, está a desencriptação da prática da violência.

A TCA permitiu-nos reafirmar o pressuposto de que os jornais legitimam o jogo da violência praticado na disputa pelas estruturas presentes na sociedade (bens, liberdades e vidas), ainda que as reportagens falhem por não apresentar informações completas e claras sobre os episódios noticiados. As reportagens, em grande medida, apresentam-se como relatos, sem postura apropriada, crítica e analítica sobre o que se diz. Cabe ressaltar que o "Manual de Redação" de cada jornal analisado, que pressupõe informar ao seu leitor sobre as normas de conduta para seus repórteres e colaboradores, ou seja, como cada veículo faz a notícia, isto é, relaciona-se publicamente com o seu leitor,

não está publicamente disponibilizado. A falta de acesso aos manuais nos impediu de compreender o uso da linguagem e as estratégias acionadas por cada jornal para dizer algo, escolher sobre o que dizer e a quem, e de que forma, com propósito ou não.

Assim, alcançar a compreensão sobre a fabricação do ódio exigiria considerarmos, ou a "análise temática" (temas ou itens de significação) das narrativas, ou a "análise de discurso" (ordem ideológica, política e simbólica na sociedade neoliberal) da mídia. Entretanto a TCA nos permitiu descortinar a violência preparada *na* e *pela* linguagem para o leitor dos jornais, tornando visíveis os antecedentes e as consequências de sua prática.

Ainda que não seja possível disponibilizar neste artigo todas as narrativas das 311 reportagens, inferimos que o jogo de violência praticado precisa ser interrompido e é de responsabilidade de toda a sociedade. A função jornalística ocupa espaço expressivo, pois informa a todos sobre a vida cotidiana, pautando-se pelo uso da linguagem e das palavras que, inexoravelmente, afetam a sociedade. Reportagens sobre a violência urbana tornaram-se meros relatos de notícias criminais e de boletins de ocorrências a promover valoração de fatos.

Emcke (2020) impõe o necessário debate político-linguístico em torno de designações adequadas; agentes dominantes que operam na e pela linguagem, nesse caso, a mídia jornalística, precisam acolher tal debate se quisermos construir um “terreno firme no qual todos possamos pisar” (Emcke, 2020, p. 21).

Agradecimentos

Apoio institucional e financeiro: Capes, CNPq, PROEx/UFMG, PRPq/UFMG.

Bibliografia

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. *Presidência da República*, Brasília, DF, 07 ago. 2006. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 20 mar. 2023.

EMCKE, C. **Contra o ódio**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública***: 2022*. São Paulo: FBSP, 2022.

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-277.

KRUG, E.G. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

HAN, B-C. **O que é poder?** Petrópolis: Vozes, 2019.

HOBSBAWN, E. As regras da violência. In: HOBSBAWN, E. **Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 317-323.

IPEA. O que é? Amazônia Legal. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28>. Acesso em: 08 nov. 2022.

LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MORADO NASCIMENTO. D. **O sistema de exclusão na cidade neoliberal brasileira**. Marília: Lutas anticapital, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, ano 17, n. 37, 2002, p. 4-28.

RANGANATHAN, S. R. **Colon classification: basic classification**. 6. ed. Bombay: Madras Library Association Publication, 1960.

SILVA, M. C. C. O Infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 30, 2015, p. 125-137.

SWALES, J. M. The concept of discourse community. In: SWALES, J. M. **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 21-32.

ZILLI, L. F. O “mundo do crime” e a “lei da favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. **Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 19, n. 3, 2015, p. 463-487.

Recebido em: 02-05-2023

Aceito em: 19-09-2023